

Desamor e uma mão estendida

Francisco e Irene, 75 anos, três filhos, dois rapazes e uma rapariga, viviam em plena harmonia e felicidade. Criaram e educaram os filhos com muitas dificuldades, muito trabalho e sacrifício, mas com um amor inextinguível e ainda ajudaram a criar três dos sete netos!

Os filhos, todos bem colocados na vida – o Pedro advogado, o Vítor engenheiro e a Helena professora universitária. Eram o orgulho dos pais! Os rapazes, um em Lisboa e outro em Inglaterra telefonavam com frequência e vinham sempre no Natal e uma semana em agosto.

Aquela agitação coloria os dias do casal!

Temos a casa cheia! - dizia, entusiasmada a D. Irene. Que felicidade!

Já a Helena, a princesinha da família, vivia na mesma rua, duas casas abaixo e era visita assídua da casa dos pais. Era ela o principal apoio quando os pais precisavam.

Mas, uma manhã, muito cedo, a caminho do campo para tratar das couves para o Natal, sem que nada o fizesse prever, o sr. Francisco sofreu um AVC e não resistiu.

Tudo mudou.

- Sozinha, neste casarão... o que hei de fazer?...

Tristonha e angustiada precisava agora, mais do que nunca, do carinho e apoio dos filhos e sobretudo de companhia. Olhava para o telefone que tinha deixado de tocar...

- Helena, minha filha, sinto-me tão sozinha!

- Amanhã falamos, agora estou com pressa. Come a sopa e não te esqueças dos comprimidos!

Passou um ano Francisco, fazes-me tanta falta! Os filhos esqueceram-se de mim. Já nem a nossa Helena me visita como devia... parece zangada... murmurava a D. Irene num solilóquio...

Quatro dias depois...

- Helena, que saudades! Dá-me um beijinho!

- Olha mãe, eu já não suporto essa tua figura lamecha, temos de tomar uma decisão: ou deixas as recordações e esse mau humor irritante ou então... tenho a minha vida organizada, uma profissão exigente, não tenho tempo nem paciência para velhos mal-humorados...

-

Ambas ficaram em silêncio, Helena esperava impacientemente a resposta da mãe. D. Irene tentava entender a filha, mas por mais voltas que desse não encontrava nenhum motivo para a filha a tratar assim de repente. Faz-se uma luz na sua cabeça, olhou a filha nos olhos e perguntou:

-Filha, tu tens saudades do teu pai, não é?

Helena suspirou e não respondeu, Irene decidiu continuar, acreditando ter descoberto o motivo das ações da filha:

- Eu sei que é difícil filha, o teu pai faz falta a ti e a mim, mas - Irene foi interrompida pela ríspida voz de Helena:

- Não mãe, eu já superei o que aconteceu, até o Vitor que é um chorão superou!

- Então porque me estás a tratar assim filha? O que foi que eu fiz? - perguntou Irene desesperada.

- Eu estou cansada mãe! Estou cansada de ti! - gritou Helena irritada.

Irene sentiu as lágrimas rolares pelo rosto, tentou pará-las, mas as lágrimas insistiam em cair.

- O Vitor e o Pedro não têm tempo para cá vir, então pediram-me para tratar de ti - continuou Helena - sábado vais para um lar de idosos, ficas melhor lá.

- Os teus irmãos sabem disto? - perguntou Irene intrigada. Helena não respondeu, em vez disso, virou as costas à mãe e saiu da casa onde tinha sido criada, deixando a própria mãe mergulhada em lágrimas.

Dois dias depois, ouviu o telefone tocar, uma pequena esperança iluminou o rosto da velha mulher, e correu até ao telefone. Era Vitor, o filho que morava em Lisboa.

- Mãe? Graças a Deus atendeste! - disse o rapaz aliviado.

- Filho! És tu! - disse Irene à beira das lágrimas.

- A Helena contou-me sobre o lar, mãe custa-me a acreditar por isso liguei-te, tu realmente queres ir para um lar de idosos? - perguntou ele intrigado.

- Não filho! A Helena apareceu cá em casa furiosa, apenas para me dizer isso! Ela nem me deixou dar a minha opinião sobre isso! - exclamou Irene.

- Então a Helena mentiu-me, parece que as minhas paranoias estavam certas... - falou Vitor.

- Mãe, desculpa por ter te deixado de lado... - disse ele, num tom entristecido.

- Se tu te arrependeste já é um bom começo filho, eu perdoo-te - disse a mãe compreensiva.

- Obrigada mãe e, mas bem, eu acho que se continuares aqui só vai ser pior por causa da Helena...então, se quiseres mãe, podes vir viver comigo e com a minha família! -sugeriu o jovem.

-Acho que tens razão filho, talvez seja melhor se eu sair desta casa, então se não for incómodo, eu aceito filho - disse Irene.

- Ótimo! Eu vou falar com o lar para cancelar o pedido de entrada, e também falar com a minha família sobre a tua vinda - disse Vitor.

- Obrigada filho - agradeceu a mulher.

- Acho que é o mínimo que posso fazer, eu ligo-te mais tarde mãe, tchau! - despediu-se o rapaz.

Passaram-se então duas semanas, Irene estava prestes a sair da casa onde tinha criado os seus filhos, como deixaria aquela casa, colocou-a à venda, e tinha sido comprada rapidamente por um casal de ingleses que gostavam da região e planeavam mudar-se para lá durante o verão. Irene decidiu observar a casa uma última vez, antes de ir embora.

A casa tinha janelas brancas como a neve, que faziam contraste com as paredes amarelas.

- Adeus - murmurou Irene, e olhou na direção da casa de Helena, a velha mulher apercebeu-se que ao portão estava a filha, que a olhava com desprezo, como se ela fosse um ogre.

Irene suspirou, e desviou o olhar para o carro de Vitor que se encontrava lá perto, ao ver a mãe cheia de malas, Vitor apressou-se a sair do carro e correr na sua direção para a ajudar.

- Mãe tens que ter mais cuidado, isto pode fazer mal à tua coluna! - repreendeu o rapaz enquanto pegava nas malas.

Antes que Irene pudesse responder, ambos ouviram a voz de Vasco, o filho mais velho de Vitor que corria na direção de ambos e chamava pela avó, com Luísa, a mulher de Vitor, que tentava acompanhar o pequeno, mas sem sucesso.

- Avó Irene! - Exclamou o rapazinho enquanto abraçava a avó.

Quando Luísa os alcançou, perguntou:

- Bem, vamos indo?

- Vamos! - respondeu Vasco, Vitor e Irene acenaram afirmativamente com a cabeça.

Professora Filomena Maria Marques
Agrupamento de Escolas D. Sancho II, Alijó

Aluna Gabriela Cardoso
9.º C, Agrupamento de Escolas de Moure e Ribeira do Neiva,
Vila Verde